

Resenha de “Variação linguística na escola”, de Joyce Elaine de Almeida e Stella Maris Bortoni-Ricardo

Gilberto Antonio Peres¹
 0000-0002-1251-5752
Talita de Cássia Marine²
 0000-0002-3086-3961

ALMEIDA, Joyce Elaine de; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (org.). *Variação linguística na escola*. São Paulo: Contexto, 2023.

Biografias

Joyce Elaine de Almeida é professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Possui doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e pós-doutorado em Linguística pela UnB. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística Educacional.

Stella Maris Bortoni-Ricardo é professora titular aposentada de Linguística da UnB. Possui doutorado em Linguística pela Universidade de Lancaster e fez estágio de pós-doutorado na Universidade da Pensilvânia. Tem experiência na área de Sociolinguística, atuando nos seguintes temas: Letramento e formação de professores, educação em língua materna, alfabetização e etnografia de sala de aula.

Resenha

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL/ILEEL/UFU). E-mail: gilberto.peres@ufu.br

² Professora Associada nível 2 do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU). E-mail: talita.marine@ufu.br

O ensino de língua portuguesa no Brasil, principalmente após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (Brasil, 1998), tem procurado se alinhar a uma prática pedagógica voltada para o acolhimento da diversidade linguística no espaço escolar. O reconhecimento de que “quando se fala em ‘Língua Portuguesa’ está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades” (Brasil, 1998, p. 29) explicita esse pressuposto direcionando a uma prática de ensino que contemple a língua como realmente heterogênea.

Mais recentemente, com a publicação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), a orientação para o tratamento da língua como um fenômeno variável é reforçada, conforme observamos na primeira competência específica para o ensino de língua portuguesa: “compreender a língua como um fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem” (Brasil, 2017, p. 85).

No entanto, para que de fato essa competência seja alcançada, é indispensável que os professores de Língua Portuguesa da educação básica tenham uma boa formação sociolinguística, a fim de que consigam se apropriar das contribuições da Sociolinguística Educacional à realidade da prática linguística no espaço escolar, de forma a realmente conceber e abordar a língua como um conjunto de variedades. Nesse sentido, apresentamos uma obra recentemente publicada, cujo conteúdo pode trazer contribuições significativas ao estabelecimento de uma interface interessante entre a teoria sociolinguística com a prática de ensino e aprendizado de língua portuguesa no âmbito da educação básica.

O livro “Variação linguística na escola”, organizado por Joyce Elaine de Almeida e Stella Maris Bortoni-Ricardo e publicado pela Editora Contexto, no primeiro semestre de 2023, possui 94 páginas e apresenta-se estruturado por uma breve introdução, seguida das duas partes que dão corpo à obra: uma pequena parte teórica, que vai da página 9 a 28, e outra mais robusta, composta por propostas didáticas que vão da página 29 a 71. Em seguida, são apresentadas as

respostas aos exercícios das atividades didáticas, a bibliografia da obra e uma pequena apresentação dos autores.

A parte teórica, elaborada pelas organizadoras, é chamada de “Para fundamentar” e está subdividida em cinco seções: Ideologias sobre o aprendizado, Sociolinguística educacional, Normas, Variação linguística e Oralidade e escrita. Na seção “Ideologias sobre o aprendizado”, as autoras manifestam uma preocupação com o baixo rendimento escolar dos alunos de classes sociais desfavorecidas e destacam que isso recebeu diferentes explicações em décadas anteriores, conforme esclarece Soares (2017) à luz das ideologias do dom, da deficiência cultural e das diferenças, ressaltando que esta última, por reconhecer a diversidade de culturas, norteou os estudos da Sociolinguística Educacional a partir de 1960, quando a democratização do ensino trouxe para as escolas alunos de camadas populares que dominavam variedades linguísticas diferentes daquelas que permeavam o espaço escolar até então.

Na seção intitulada “Sociolinguística Educacional”, as autoras destacam a maturidade atingida pela Sociolinguística no século XX e comentam sobre suas três premissas: o relativismo cultural, a heterogeneidade inerente e a relação dialética entre forma e função com vistas a evidenciar a necessidade de o professor de Língua Portuguesa conhecer a realidade sociocultural da comunidade da qual o aluno provém, a fim de que sua prática pedagógica seja exitosa. Nesse sentido, as autoras apontam seis princípios que devem ser seguidos, conforme Bortoni-Ricardo (2005), no desenvolvimento das ações da Sociolinguística Educacional. A exposição desses princípios contribui para que o professor da educação básica possa repensar o ensino de Língua Portuguesa de modo a abandonar posturas e abordagens pautadas na dicotomia do certo vs. errado. Por fim, as autoras finalizam tal discussão com a exposição da proposta do uso metodológico de contínuos linguísticos, criados por Bortoni-Ricardo (2021), quais sejam: contínuo de urbanização, contínuo de oralidade e letramento, contínuo de monitoração estilística e contínuo de acesso à internet, sendo este último acrescentado à metodologia dos contínuos, recentemente, na última década.

É interessante destacar que o contínuo de acesso à internet é estabelecido em função da influência que a tecnologia digital tem na comunicação interpessoal, considerando que tal acesso varia em função de fatores como: zona de residência do falante, grau de alfabetização digital e equipamentos digitais que estão à disposição do falante. Embora reconheçamos que tal contínuo pode agregar bastante à metodologia dos contínuos, na parte prática da obra isso não foi explorado pelas propostas didáticas apresentadas, tendo em vista que apenas em uma atividade o gênero textual/discursivo *e-mail* é utilizado para compor uma atividade e, ainda assim, sem muitas discussões acerca da influência da tecnologia digital na vida do falante. Seria interessante se mais atividades tivessem sido propostas à luz das contribuições desse novo contínuo, uma vez que novas necessidades sociocomunicativas demandam a utilização de novos gêneros, sobretudo os digitais, por meio de diferentes instrumentos tecnológicos. Refletir sobre isso numa perspectiva de ensino e aprendizado de língua portuguesa na educação básica e entender a aplicação desse novo contínuo proposto por Bortoni-Ricardo (2021) na elaboração de uma proposta didática poderia se configurar como uma contribuição inestimável à obra.

Em seguida, as autoras iniciam a seção “Normas”, reforçando a ideia de que no Brasil a sociedade busca por uma língua única e invariável, refletida pela norma-padrão na gramática normativa. Pautadas em Faraco (2002), as autoras apresentam o conceito de norma, caracterizando-a como um fator de identificação sociocultural e apresentam a distinção entre norma-padrão e norma culta, ressaltando que tais normas costumam ser confundidas, inclusive, no meio acadêmico.

Embora essa discussão seja de grande importância para esclarecer ruídos conceituais associados às normas, especialmente à norma-padrão e à norma culta, as autoras dedicam pouco mais de uma página a esta seção na obra. Terminam a exposição, destacando a existência de diversas normas no português brasileiro, associando o conceito de norma à variação linguística sem mencionar, entretanto,

quais seriam essas diversas normas e sem explicar de que maneira isso está diretamente relacionado à variação.

Pensando que o livro foi idealizado com a finalidade de aproximar os estudos da Sociolinguística Educacional à realidade escolar, tal como afirmam as próprias autoras na introdução da obra, entendemos que esse ponto merecia maior aprofundamento, tendo em vista que grande parte dos professores de língua portuguesa da educação básica não teve – e não têm – formação sociolinguística. Ainda que o foco da obra não seja se concentrar em grandes reflexões de natureza teórica, a discussão sobre o conceito de norma poderia ter sido melhor explorado e algumas leituras para aprofundamento do tema poderiam ter sido indicadas, tais como “Norma culta brasileira: desatando alguns nós”, de Faraco (2008) e “Para conhecer norma linguística”, de Faraco e Zilles (2017), por exemplo.

Na seção seguinte, intitulada “Variação linguística”, a exposição é iniciada com a afirmação de que a linguagem é um objeto sujeito a alterações, já que se trata de um elemento constitutivo do homem e da cultura na qual ele se insere. Assim, já que naturalmente o homem e a sociedade mudam, as autoras ressaltam que é perfeitamente normal que haja variações e mudanças na língua. Estranho seria, portanto, a ausência da variação na língua e, não, a sua presença. A sistematização dos tipos de variação é apresentada pelas autoras conforme Camacho (1988): variação histórica, variação geográfica, variação social e variação estilística. Além de Camacho (1988), as autoras expõem a sistematização dos tipos de variação conforme Castilho (2010), a saber: variação geográfica, variação sociocultural, variação individual, variação de canal e variação temática para, em seguida, discorrerem a respeito de cada tipo de variação, correlacionando as propostas de Camacho (1988) e Castilho (2010), algo que a nosso ver não traz grandes contribuições à obra, podendo até confundir o professor da educação básica diante de tantos nomes associados a diferentes tipos de variação.

Inclusive, os próprios materiais didáticos quando abordam os tipos de variação linguística, costumam utilizar a tipologia proposta por Camacho (1988) e,

além disso, na segunda parte da obra, as atividades são propostas exclusivamente conforme a sistematização deste mesmo linguista.

Na última seção da primeira parte, “Oralidade e Escrita”, as autoras destacam que é possível abordar eventos de oralidade e de escrita à luz do contínuo oralidade-escrita proposto por Marchuschi (2001), ressaltando que, assim, é possível perceber que há alguns gêneros que se encaixam mais no pólo da oralidade, enquanto outros, no da escrita. Além disso, também destacam a não correlação entre escrita-formalidade e oralidade-informalidade, valendo-se de alguns exemplos para ilustrar essa não correlação. Acreditamos que tal destaque mostra-se como algo muito pertinente, sobretudo quando pensamos no público-alvo da obra em questão, haja vista que tal correlação ainda é equivocadamente bastante difundida em materiais didáticos de língua portuguesa.

Ao finalizar a leitura da primeira parte da obra, percebemos que a exposição teórica apresentada, embora não seja muito aprofundada, traz reflexões fundamentais para aqueles que desejam conhecer as contribuições da Sociolinguística ao ensino de língua portuguesa, trazendo conceitos e reflexões importantes, de forma acessível, sobretudo pensando naqueles professores que não tiveram acesso a uma formação sociolinguística ao longo de sua trajetória acadêmica, podendo servir como um incentivo à busca por mais conhecimentos na área.

A segunda parte do livro, intitulada “Para aplicar”, traz quatro propostas didáticas abordando a variação histórica, a variação social, a variação estilística e a variação geográfica. Todas as atividades foram pensadas para serem aplicadas na escola, elaboradas a partir de uma diversidade de gêneros textuais/discursivos - envolvendo situações de oralidade e de escrita - e permeadas por orientações ao professor.

As propostas se iniciam com nove atividades sobre a variação histórica, apresentadas por Álida Espozetti e Juliana Simm. A primeira atividade apresenta um diálogo forjado entre uma adolescente e sua avó, marcado por fatores de variação social, sobretudo pela diferença etária entre a avó e a neta, refletida em diferentes

usos da língua que demarcam variedades linguísticas distintas na constituição do repertório linguístico de cada uma delas.

A ideia da atividade é bastante interessante, entretanto há pequenos trechos do diálogo que soam artificiais, quase caricatos. Algo que poderia ser evitado se as autoras da proposta tivessem lançado mão da reprodução de um diálogo real para a atividade proposta. Assim como Bagno (2013, p. 131), acreditamos que “Uma abordagem adequada do fenômeno da variação linguística mostraria ao lado das regras gramaticais, obsoletas, os usos reais da língua, encontrados nos textos autênticos”.

Na sequência há atividades que apresentam transcrições de documentos do início do século XIX e imagens de capas de dicionários do século XVIII, o que pode dificultar o entendimento por parte dos alunos devido à não familiaridade com as muitas diferenças na língua de lá para cá. Desse modo, a nosso ver, a leitura dos textos selecionados para tais atividades necessita de participação de destaque do professor em sua condução e isso poderia entrar como uma das orientações das autoras da proposta ao professor. Há também uma atividade sugerindo a pesquisa do sentido original de algumas palavras; acreditamos que seria interessante, nesse caso, que o professor indicasse fontes de pesquisa para os alunos. Além disso, nas atividades em que são apresentados fragmentos de jornais antigos, sentimos falta de que fossem apresentados, também, exemplares de jornais atuais para facilitar o desenvolvimento das atividades por parte dos alunos. Acreditamos que isso poderia tornar as atividades mais atrativas e até mais enriquecedoras ao promover o cotejo entre jornais antigos e recentes.

Finalizadas as propostas didáticas de variação histórica, a obra traz atividades abordando a variação social, elaboradas por Aline Alvares, Eliane Oliveira e Maria Beatriz Pacca. Tais atividades apresentam várias perguntas relacionadas a trechos de poemas e de músicas. No entanto, ao optar pela aplicação dessas atividades, acreditamos que a apresentação dos textos completos, aos alunos, seria bastante interessante, a fim de facilitar e até enriquecer as análises. Cabe ressaltar a preocupação das autoras em apresentar questões relacionadas à variação

estilística, mesclada com a variação social, oportunizando ao professor a possibilidade de refletir com os alunos sobre o segundo princípio das ações da Sociolinguística Educacional, isto é, o “caráter sociossimbólico das regras variáveis”, conforme aponta Bortoni-Ricardo (2005).

Afinal, entender o valor social atribuído às variedades linguísticas, ora de prestígio, ora de desprestígio, é fundamental para compreender o próprio fenômeno da variação linguística e questões associadas ao preconceito linguístico, temas tão importantes quanto necessários a serem abordados na escola. Nesse sentido, destacamos como um ponto alto dentre as atividades de variação social, a citação de um fragmento textual de Faraco (2008), na qual é destacada a importância de se firmar, na escola, uma prática de ensino de língua portuguesa pautada na pedagogia da variação linguística e que contribua para sensibilizar crianças e jovens quanto ao respeito às diferenças linguísticas.

Ainda na esteira dessas reflexões, na atividade 6, a partir da leitura do conto “Nóis mudemo”, de Fidêncio Bogo, o professor tem a oportunidade de refletir sobre as graves consequências na vida dos alunos, decorrentes de sua falta de sensibilidade sociolinguística diante das diferentes variedades linguísticas presentes em uma mesma sala de aula, as quais, quando não enxergadas e reconhecidas com respeito, podem alimentar comportamentos de intolerância linguística, os quais podem se materializar na forma de *bullying*, tal como podemos observar no referido conto.

Para abordar as atividades relacionadas à variação estilística, a obra traz um conjunto de atividades proposto por Sheila Lima, Taciane Marques e Wéllem Semczuk. Nele, destacamos as orientações para o professor preparar o seu momento de aplicação. São sugestões e comentários que enfatizam a adaptação de uso da língua à situação de interação, seja na oralidade ou na escrita, em contextos de formalidade ou de informalidade. Sugestões de atividades em grupo são apresentadas de forma a levar os alunos a perceberem que na oralidade também há o uso do registro formal, colaborando para a desmitificação de que a língua falada é o *lôcus* da informalidade. Nas atividades propostas são analisados exemplos de

entrevistas, e-mails, diálogos, além de trechos literários e de letras de canções; essa diversidade de gêneros textuais é bastante positiva para que os alunos consigam perceber a diversidade estilística da língua, materializada em diferentes gêneros. Outro ponto alto das atividades envolvendo a variação estilística pode ser observado em exercícios que demandam produções textuais que simulam o uso da língua a partir de escolhas, conforme a situação de interação. Consideramos que tais atividades contemplam de maneira bastante assertiva uma das competências específicas do ensino de Língua Portuguesa da BNCC: “empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual” (Brasil, 2017, p. 85).

Finalizando a segunda parte do livro, as autoras apresentam algumas propostas de atividades sobre variação geográfica, elaboradas por Fabiane Altino e Flávio Brandão-Silva. Ao todo são apresentadas nove atividades, introduzidas por uma proposta que corrobora a abordagem habitual desse tipo de variação, ao relacionar léxico e região. Há também atividades que apresentam aos alunos noções acerca de atlas linguísticos, ao mesmo tempo que os incentivam a realizar pesquisas sobre o tema, de acordo com o local em que vivem. Algumas propostas mesclam fatores de variação regional e histórica, como a atividade 3, por exemplo, e uma delas, a última, trata da temática da variação regional à luz de um trabalho com a oralidade, em uma atividade em grupo. Tal atividade mostra-se como uma ótima oportunidade para o professor enfatizar que as diferenças linguísticas conforme as regiões não devem ser utilizadas para estigmatizar os seus falantes, mas, ao contrário, devem servir para que (re)conheçamos e respeitemos a diversidade de variedades linguísticas que constituem o português brasileiro.

No contexto de orientações oficiais para implementação de uma prática pedagógica de ensino da língua que recomenda uma abordagem pautada na língua em uso, entendemos que o livro “Variação linguística na escola” se apresenta como uma fonte teórico-metodológica que pode contribuir para a formação inicial e continuada de professores de língua portuguesa da educação básica, especialmente para aqueles que já se encontram em exercício na sala de aula.

Referências

BAGNO, M. *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Português brasileiro, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2021.

BRASIL – Secretaria de Educação Fundamental – *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/SEB, 2017.

CAMACHO, R. G. A variação linguística. In: *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus*. São Paulo: SE/CENP, 1988. 3 v.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. *Para conhecer norma linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Contexto, 2017.

Recebido em: 29 out.2023.
Aprovado em: 06 nov.2023.

Revisora de língua portuguesa: Patrícia Medeiros.

